

A ESCOLA DA RECONQUISTA





MAYÃ
MARIA MUNIZ ANDRADE
RIBEIRO

A ESCOLA DA
RECONQUISTA

TEIA DOS POVOS

A ESCOLA DA RECONQUISTA
Maria Muniz Andrade Ribeiro, Mayá
Teia dos Povos, 2022

Organização: Rosângela Pereira de Tugny
Coordenação Editorial: Mariana Cruz A. Lima
Pré Produção: Erahsto Felício
Revisão: Arthur de Melo Sá, Bethânia Dias Zanatta, Ramiro
Soares Valdez
Projeto Gráfico: Victoria Oswaldino
Capa: José Henrique Fortes Mello e Victoria Oswaldino
Ilustrações: Pablo Latto
Orelha: Vanessa Tomaz
Captação de Áudio: Beatriz Vencioneck, Breno Terra, Mariana
Cruz A. Lima
Mixagem de Som: Ismeraldo Santos de Souza
Web: Vitor Lima

A553e Andrade, Maria Muniz de (Mayá)

A escola da reconquista / Maria Muniz de Andrade
(Mayá); organizado por Rosângela Pereira de Tugny -
Arataca, BA : Teia dos Povos, 2021.
168 p. : il. ; 14m x 21cm.
Inclui bibliografia, índice e anexo.
ISBN: 978-65-86598-16-2

1. Educação. 2. Povos Indígenas. 3. Território. 4. Política.
I. Tugny, Rosângela Pereira de. II. Lima, Mariana Cruz A.
III. Latto, Pablo. IV. Título.

CDD 370

2021-4735

CDU 37

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB 8/9410

TEIA DOS POVOS
Aldeia Milagrosa, Terra Indígena Caramuru Catarina
Paraguassu

aos meus irmãos e irmãs: Helena Muniz, Luciene
Muniz de Andrade, Luzinete Muniz de Andrade,
Manuel Muniz de Andrade, Maria de Fátima Muniz
de Andrade, Maria Rita Muniz de Andrade e Nailton
Muniz Pataxó (Airiri),

ao meu filho Reginaldo de Andrade Ribeiro,

Aos meus netos: Railan Moraes Ribeiro, Alan Rainer
Morais Ribeiro, Ysmainne Indaiá Sousa Ribeiro,

à minha bisneta Nattsohy Evellyn Ribeiro Silva

Sumário

Prefácio	13
Introdução	22
Nascer entre dois massacres	31
Um dia quis ser professora	39
Ouvir o contar do sonho de Lucília Muniz	47
Educar nas retomadas	55
Caminhamos juntos com nossos seres espirituais	74
A história verdadeira os europeus não contaram	97
Todo índio tem ciência	111
E obrigada, obrigada	137
Outros textos	141
Cronologia	152
Outras publicações	156
Outras colaborações	156
Nota da organizadora	157
Notas	161
Referências	166
Cantos	167

Prefácio

Tivemos um pouco de dificuldade para escrever esse prefácio, pois, diante do que Maria Muniz é para nós e para seu Povo, seria preciso trazer uma série de narrativas do que essa mulher representa. Podemos dizer que Maria Muniz é uma história viva, uma história de luta e resistência que representa seu Povo. Boa parte do que vamos falar aqui está escrito no seu livro de memória. Mas é importante tecer alguns comentários sobre essa grande mulher, companheira, guardiã e mãe que, na sua trajetória, nos ensina muito a ser pessoas melhores. Maria Muniz, nossa Mayá, dedicou sua vida a educar e ensinar seu Povo, a resistir e conquistar sua terra e seu território. No dia a dia e na luta, sempre encontrou um pé de mangueira, uma árvore que desse sombra para dedicar seu tempo às crianças e jovens, ela os ensinava que o valor da luta e da guerra são imprescindíveis na conquista da terra, do território e da autonomia. Seus ensinamentos se misturam com cantos e danças para fortalecer os valores ancestrais, o valor da cura com as plantas medicinais, o valor da espiritualidade, o valor das sementes e das matas.

Para Mayá, todos esses princípios fazem parte do território indígena. Neles, podemos encontrar o alimento da alma, que é a base de sustentação de seu Povo para guerrear e resistir. Maria Muniz nunca deixou um dia sequer de acreditar e ensinar seu Povo que só a luta é quem pode trazer as conquistas dos territórios. Em nenhum momento, deixou se abater pelo desânimo, pela violência do latifúndio e pelas dores do dia a dia, da fome, pela tristeza e pela falta de perspectiva nas dificuldades da luta. Nossa mãe, Mayá, nunca fraquejou um dia sequer. Quando pensavam que estava cansada, ela surgia e animava seu Povo com seus cantos e gritos de guerra.

Em volta das árvores, das palhoças, nas aldeias, na escola, em todos os lugares, Maria Muniz estava resignada, educando seu Povo para a luta. Por incrível que pareça, quando conquistaram os 54 mil hectares de terras e uma escola muito linda, o estado e seus agentes praticamente a proibiram de ensinar nessa escola em sua aldeia. Mas Mayá continuou a fazer educação embaixo das árvores, nas reuniões das comunidades, nos encontros, nas andanças pelo Brasil. Continuou a levar seus conhecimentos e sabedoria para comunidades de Povos diferentes. Andou por outros países levando a mensagem de seu Povo. Por isso, a reverenciamos como uma grande educadora de seu Povo e de outros Povos, pela sua firmeza, dedicação e pela causa em que acredita: a terra e o território. Incansável na luta, atualmente está na Teia dos Povos ajudando a levar esse espírito de resistência e sabedoria para o conjunto dos Povos. Mayá é nossa conselheira e guardiã das sementes. Uma referência para nós.

Além de ser uma grande educadora popular, Maria Muniz é uma referência entre outras mulheres indígenas no processo de luta pelo território. A retomada do território em Ourinhos, em Caramuru, e em outras áreas, se consolidou a partir da organização das mulheres, mesmo sendo essas açoitadas pelo sistema burguês, atacadas a tiros por homens que buscavam impedi-las de retomar as terras. Essa lembrança faz recordar o quanto Maria Muniz traz sua mãe como referência em sua jornada. Maria sempre recorda que foi sua mãe quem ensinou os segredos da cura, das plantas e das matas. “Mamãe se encantou, mas seus ensinamentos e ancestralidade estão vivos em cada um e uma de nós”.

É com esses ensinamentos que nossa Mestra Maria Muniz tem vivenciado e compartilhado a importância de nos mantermos de pé e firmes na luta contra o branco colonizador, contra o sistema que nos oprime, nos rouba e nos mata e nos ensina também a importância de invocar a proteção dos nossos encantados para continuarmos lutando contra todo tipo de exploração.

Assentamento Terra Vista, outubro de 2021

Solange Brito e Joelson Ferreira

Introdução

Dá licença

Dá licença

Nós brincar nos terreiros dos praiá

Dá licença

Dá licença

Nós brincar nos terreiros dos praiá

Aonde canta o cacique, o pajé, o capitão

Dandaruê,

Dandaruê hê hê a hê ê

Hê a hê hê a ê ô hê a há

Dá licença

Dá licença

Nós pisar nos terreiros dos praiá

Dá licença

Dá licença

Nós cantar nos terreiros dos praiá

Aonde canta o cacique, o pajé, o capitão

Dandaruê,

Dandaruê hê hê a hê ê

Hê a hê hê a ê ô hê a há

Dandaruê,

Dandaruê hê hê a hê ê

Hê a hê hê a ê ô hê a há

Que a proteção do pai venha nos proteger
e nossos seres espirituais estejam perante todos nós
com a sua força, com seu poder
e a nossa floresta venha dizer para nossa humanidade
que precisamos estar mais fortes, mais juntos
guerreando pelos mesmos objetivos
que nosso Deus glorioso, nossos seres espirituais
venham dar paz aos nossos povos indígenas
que estão aí enfrentando a guerra
a guerra que está no mundo, no Brasil, no país
é uma guerra mundial contra nossos povos, nossos
indígenas
a COVID-19 está aí, todo mundo está escondido,
guardado, resguardado
mas nosso povo está com a cara no mundo
gritando pela paz, pelo direito
que está sendo usurpado por homens brancos
que não querem nos dar valor
não querem entender que temos o direito de ir e vir
sem sermos atropelados, conturbados
com essas leis que estão tirando nossos direitos,
os direitos de nossas comunidades
para entregarem nas mãos de grileiros,
madeireiros,
mineradoras,
de homens sem coração,
homens sem piedade.
Então, nossos povos estão aí, na rua, gritando

sem medo de enfrentar essa COVID-19 que está aí,
o povo recuando e nossa nação dizendo que temos que
estar na rua
para lutar pelos nossos direitos.
É muito forte a guerra que nosso povo está enfrentando
essa guerra mundial que está aí no mundo é com nosso
povo
que está aí enfrentando essa batalha.

Por que começamos a falar da Escola da Reconquista? As nossas falas indígenas estavam esquecidas. Como nossas falas indígenas estavam esquecidas, e como professora indígena que trabalhou em um magistério indígena, comecei a lembrar desse esquecimento. Lembrei dessa escuta do pessoal que não estava querendo ouvir o nosso povo. Já tinham nosso povo como exterminado.

Eu sonhei. Meu sonho era tentar reconquistar esse caminhar, esse falar e esse ouvir, ou esse ouvir, esse falar e esse caminhar, em formas diferentes, lembrando que nosso povo ainda existe, que nosso povo tem ainda uma forma de viver, de caminhar. Então, é uma reconquista. Nós estamos a lembrar à humanidade que a nossa nação nunca morreu. Nunca morreu. Silenciou devido às guerrilhas contra os nossos povos indígenas. Vamos estar sempre reconquistando, sempre dizendo que nós resistimos, que nós existimos e resistimos.

Porque já li várias coisas aí dizendo “quando o Brasil foi descoberto, os indígenas viviam da caça e da pesca, andavam nus...”. Vejam: “andavam”. Quer dizer, não tem mais! Acabou a nação! E eu dizia: “puxa, como acabou se ainda tem o povo aí?”. Vamos reconquistar isso aí! Precisamos falar que nós estamos aqui. Ainda estamos vivos, ainda estamos lutando pelos nossos direitos. Aqueles direitos que os não-índios de coração perverso chegaram e tentaram destruir. Mas ainda existe um povo lá, bem distante, guerreando para mostrar que ainda está vivo. Ainda estamos vivos. Ainda queremos falar a nossa língua. Ainda estamos aí no nosso caminhar. É muito rica essa reconquista para nós.

Quando começarem a ler algumas coisas deste livro, vocês vão ver que, realmente, a história passada que eles

contam, foram eles mesmos que contaram, não foram os indígenas contando. Tem o índio ainda contando a história do que quer, como quer caminhar, como quer viver. Como quer estar nesse Brasil frustrado, arrasado. A gente ainda está aí. Vocês veem: quem é que está fazendo a guerrilha? Quem é que está enfrentando a luta com o presidente da República com a cara na rua? Quem é que está gritando? E por que “não existem indígenas”? Eles estão fazendo o quê? Reconquistando, guerreando, lutando pelos seus direitos. Dizendo que somos capazes de gritar pelos nossos direitos e dar aquele grito que diz que “a história verdadeira os europeus não contaram”. E nem contam ainda, até hoje. O máximo que puderem esconder, ainda tem gente que esconde. Só que, hoje, tem mais gente nos ajudando a falar também. Quando encontramos um perverso de coração mau, encontramos três, quatro ou cinco gritando a favor. Então, estamos aí, nessa guerrilha muito forte. A Escola da Reconquista está aí guerreando. Com uma professora de mais de 70 anos querendo deixar seus filhos, netos, sobrinhos, filhos de seus amigos saberem como os não-índios sem coração fazem com a gente.

Educar nas retomadas foi o trabalho que fiz. Os pais iam para as retomadas e carregavam os seus filhos, e o que eu devia fazer era ir. Tive 396 salas de aula. Eu participei de todas as 396 retomadas. Não me ausentei de nenhuma. Nessas retomadas, eu estava sempre lá dando aulas, tanto aos alunos como aos pais dos alunos. Dava aulas todo o dia, e de noite ia escrever relatórios, documentos. Aquilo que acontecia no dia - os ataques, os abusos da polícia, as chegadas dos fazendeiros - tudo aquilo eu escrevia. Várias vezes eu estava ali com os alunos e via a polícia e

o fazendeiro chegar, gritar e dizer que tínhamos que sair dali porque aquilo era deles. E via as lideranças reagirem dizendo que aquilo era dos indígenas. O Cacique Nailton deu vários gritos para os fazendeiros, para retornarem, e que eles respeitassem as mulheres e crianças que estavam ali, e não tentassem novamente invadir, porque ali era dos indígenas. Foram várias vezes. É uma luta da minha comunidade que conheço a fundo: dos sofrimentos, dos massacres. Lideranças que apanharam muito. O Cacique Nailton muitas vezes apanhava com cassetete, levava porrada, chegava a vomitar sangue. É muita história. Algumas vezes, eu tinha que recolher os alunos para mais adiante, para eles não ficarem assombrados com a luta. Tinha criança que chorava quando via chegar aquela quantidade de gente. Muitos hoje têm o maior pavor de enfrentar a luta em qualquer lugar, diante do que já sofreram.

Caminhamos junto com nossos seres espirituais. Em todo momento, nós estamos juntos. Todo trabalho de retomada que nós fizemos, fizemos confiantes nas forças de nosso deus Tupã, confiantes nos nossos encantados, no bater de nossos maracás para chamar nossos encantados. Sempre estamos aí com nossos maracás, enfrentando nossas lutas, nossas dificuldades, nossos problemas na comunidade, os momentos de alegria e tristeza. Não deixamos de bater nossos maracás para ter a força espiritual para enfrentar essas dificuldades que vêm para dentro de nossas aldeias. Principalmente hoje, como estamos enfrentando a COVID-19, estamos fazendo um trabalho de base para evitar essa pandemia. Morreu apenas uma pessoa da nossa comunidade. Outros se curaram dentro da própria aldeia com nossos

remédios naturais. Tivemos êxito, está todo mundo vivo, caminhando, são. Temos nossas folhas naturais dentro da nossa aldeia para nossos banhos, nossos chás. Fazemos nosso álcool natural. Para onde vou, eu carrego. Dentro dele tem a folha do alecrim, da pimenta da costa, a folha do eucalipto. Temos sempre o cuidado de saber qual a folha que devemos usar para cada banho. E o feitio do álcool é importante. Eu faço, preparo e distribuo para os que acreditam.

A história verdadeira os europeus não contaram. Estão, até hoje, não falando a verdade. Só quem sabe a nossa história somos nós. É aquela briga que tenho até hoje com alguns antropólogos que não respeitam o nosso ser. Vão lá, aprendem com o nosso falar, o nosso jeito de andar, o nosso gingado, o nosso ser fraterno, e muitos deles não respeitam. E depois, quando se formam, eles acham que são eles é que sabem a nossa história. Mas, no fundo, no fundo, eles não sabem. Porque nós não contamos a nossa história toda não! A gente fala algumas coisas que acha que tem que falar. Nem tudo a gente fala, nem todo o nosso segredo está lá. Então, a história verdadeira os europeus não contaram, porque eles só contam o contrário. Eles não falam a verdade: que os indígenas, com a sua força, com o seu ser espiritual, podem ajudar alguém, ajudar o nosso país, nosso Brasil. Eles acham que são eles é que sabem. E falam: “21 de abril: dia de Tiradentes”; “22 de abril...”. Por que “descobrimos” do Brasil? Se ninguém descobriu, e sim invadiu? Eles foram invasores que vieram tirar o nosso direito, vieram usurpar o nosso povo, com a sabedoria deles, roubando todas as nossas madeiras, toda a nossa história, toda a nossa luta, toda a nossa inocência. Roubaram e não falam

a verdade. Eles não falam que vieram roubar, destruir nossa nação, acabar com nosso povo, e dizer mais tarde que não existe índio. Como não existe? Se nós estamos aqui? Ainda falando, ainda reivindicando, ainda brigando pelos nossos direitos?

Tenho plena convicção de que até hoje eles não contam a história verdadeira. Está aí o homem da caneta azul assinando documento, dizendo que o índio não tem direito de lutar pela sua pátria, pelo seu território. E quem é que está lá, querendo usurpar, tomando, arrasando, matando? São os madeireiros, são os latifundiários, são as mineradoras que estão lá, destruindo, arrasando, acabando. Estão lá usurpando nossos direitos e dizendo que são eles que têm o direito. É uma luta das nossas comunidades. Nós estamos aí, contando, falando a nossa história e eles estão revidando para que nós não possamos contar. A história nossa, os europeus não contam.

E todo índio tem ciência. Cada um na sua forma, no seu jeito de contar. Me fizeram uma pergunta: “todo índio é do mesmo jeito?” Eu respondi: “não, cada um tem o seu jeito”. Jamais posso dizer que o parente tem o mesmo jeito que o meu. Eu aprendo com meu parente. Quando fui para a França com índios Pankararu e Kariri Xokó, aprendi muito. Eu aprendi muito com eles e eles aprenderam comigo. Foi um contar, uma ciência muito forte de cada um do nosso povo. Foi uma briga muito grande também, porque, quando foram nos apresentar, diziam que éramos índios do Amazonas e eu ia lá dizer que éramos índios do Nordeste.

Estes temas estão contando do meu caminhar, da minha luta.